

12-2004

## Contemplação e Acção

António Gruijters

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

---

### Recommended Citation

Gruijters, A. (2004). Contemplação e Acção. *Missão Espiritana*, 6 (6). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol6/iss6/15>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## contemplação e acção

*O verdadeiro missionário é contemplativo na acção. Quando, em 1969, cheguei a Brasília, a nova capital do Brasil, Angelo mudou-se para o meio dos pobres, numa das "invasões" junto à via de acesso à cidade. Ele levava a opção pelos pobres a sério e mostrava que o nosso baptismo acontecia quando, pacientemente, mergulhamos na vida dos pobres.*

O verdadeiro missionário é contemplativo na acção. Conheci vários que viviam assim. Um deles foi o padre Ângelo van Kempen. Convivi com ele entre 1970 até 1982. Quando cheguei no finalzinho de 1969 em Brasília, a nova capital do Brasil, então ainda um grande canteiro de obras, Ângelo se mudou para o meio dos pobres numa das "invasões" junto à via de acesso à cidade. Ele o fez despreziosamente. Mesmo assim, "toda a cidade de Jerusalém ficou alarmada". O seu gesto fez com que a igreja de Brasília e as congregações religiosas que lutavam entre si pelos melhores terrenos da nova capital, se interrogassem.

Ângelo levava a opção pelos pobres a sério; alias, sem dar muita confiança à grandiloquência de certos teólogos da libertação. Ele achava que os religiosos se protegiam demasiadamente. Reconhecia nos pobres os seus mestres e senhores. Notava-se nele o dom da liberdade interior e da alegria. Fazia questão de acolher bem a todos que batessem na porta (eram muitos), sem fazer distinção de pessoas. Dizia: "Quando se acolhe a todos do mesmo jeito, o rico se sente ofendido e o pobre não sabe o que está acontecendo".

Naquela "invasão" de mais ou menos cem mil habitantes, Ângelo se hospedou num quartinho dentro de um barracão de tábuas da Conferência de São Vicente. Cabiam nele apenas uma cama, uma cadeira, uma mala no chão e uma bacia. Os camundongos passeavam alegremente sobre as bordas da cama. No mesmo barracão moravam ainda três mulheres abandonadas com 16 crianças.

Ora, o governo militar resolveu remover de lá a invasão: a capi-

"Quando se acolhe a todos do mesmo jeito, o rico se sente ofendido e o pobre não sabe o que está acontecendo"

\* António Gruijters, *Provincial da Holanda*.

tal necessitava certamente aquela mão-de-obra barata, mas ela não devia se espalhar tão escandalosamente à vista de todos. Começou a mudança de cem mil pobres, com seus poucos pertences, em cima de caminhões, sob quaisquer condições de tempo, para uma área de cerrado (savana) 30 km mais adiante.

Ângelo estava ora num, ora noutro lugar, fazendo o possível para humanizar a execução dessa migração. Era um com o povo que, de dia e de noite, trabalhava para levantar, no meio da lama ou da poeira, os seus barracos de tábuas, papelão e lata. Naquele planalto ressurgia do barro uma nova cidade, Ceilândia, a paróquia da Ressurreição. Faltava tudo: luz, transporte, e sobretudo água. Não faltavam, porém, crianças que entupiam as poucas escolas construídas pelo governo. A violência sofrida se tornava violência praticada: brigas por um lugar nos ônibus, brigas nas filas para conseguir uma lata de água, brigas em consequência do abundante consumo de cachaça. Brigas que terminavam não raro em mortes. Crescia a criminalidade entre jovens.

Paróquia paupérrima. Cem mil moradores. Nenhuma sala, nenhuma capela, nada. 'Debrouillez-vous sur place'. No entanto, para o Ângelo, dinheiro era secundário. Costumava dizer: "Temos sempre o que precisamos". Viviam esta verdade: que só como pobres podemos ser irmãos universais e comer e beber o que nos for servido. Dizia que os pobres nos ensinam a dar valor ao pouco. Mas para que possamos receber esse ensino, é preciso que nos convertamos. É difícil considerar o muito como pouco e o pouco como muito. Temos coragem de ser exigentes com os pobres; ao passo que, diante dos ricos, contemporalizamos. Perdemos a paciência com coisas sem importância, (não se pode admitir dúvidas a respeito da nossa autoridade) enquanto conservamos admiravelmente a paciência diante de injustiças e desmandos clamorosos contra os pequenos. Não era assim a atitude de Jesus, segundo o padre Ângelo.

Pensava que recursos de fora deviam ficar limitados ao mínimo necessário. Ser pobre, também como igreja, era para ele valor, e não defeito. O dinheiro de fora estraga muito. Uma igreja pobre tem de ser criativa, tem de confiar mais nas próprias capacidades do povo, tem de seguir um ritmo mais lento.

Contemplativo na acção: Ângelo teria dado um sorriso por estas palavras pomposas demais para a simplicidade da vida dele. Contudo, ele era sem dúvida um contemplativo na acção. Encontrava Deus nos pobres: para eles estava toda a sua vida direccionada. Eram eles a porta estreita por onde ele passava diariamente para entrar no Reino de Deus.

No bolso sempre um papelzinho no qual estavam anotados os problemas a ser resolvidos, em ordem de urgência. Por mais que riscasse pontos em cima na lista, ela continuava sempre crescendo para baixo. No meio de muita miséria e violência, ele procurava, de

“só como pobres podemos ser irmãos universais e comer e beber o que nos for servido.”

“Ser pobre, também como igreja, era para ele valor, e não defeito”

forma prática e simples, diminuir os sofrimentos com a ajuda de um grupo crescente de colaboradores. Ângelo tinha um dom especial para criar um clima de amizade e espírito apostólico na comunidade de agentes pastorais que se formava em torno dele: nós, espiritanos mais novos, algumas irmãs, casais, ex-padres. Era uma comunidade que evangelizava sem palavras. As comunidades de fé se organizavam a partir de uma centena de círculos bíblicos, um método popular para se tornar contemplativo na acção. Somente lá aprendi a ler a bíblia. As pessoas cresciam ao mesmo tempo no seu compromisso eclesial e no seu engajamento sócio-político.

Na caminhada do Ângelo era visível que encarnar-se na realidade dos pobres é obra da graça, e portanto, de necessidade interior, de amor. Tudo simples, sem discurso, sem ostentação. Não era um amor cor-de-rosa: dentro dele havia indignação, indignação diante de tudo o que se fazia em cima dos pobres. Mas não havia nele amargor.

O amor leva a identificação, a mudar de lugar social, a mudar a própria mentalidade de classe e mesmo a mentalidade clerical, para ficar com os pobres. Jesus convida a ficar lá onde Ele está, não para "fazer uma experiência" e depois sair correndo em busca de um ano sabático, e em seguida fazer em outro lugar outra "experiência" etc. etc. sem jamais chegar a uma encarnação, condição básica para qualquer evangelização.

É claro que havia problemas. Como religiosos inseridos devíamos desaparecer como sal no meio do povo; como padres, membros da hierarquia, não havia jeito de não estar sempre em destaque, revestidos de poder.

Ângelo mostrava que o nosso baptismo acontecia quando pacientemente mergulhássemos na vida dos pobres. Estes nos faziam descobrir as deformações da nossa formação; ensinavam-nos uma espiritualidade da qual nós nos consideramos peritos. Muitos pobres vivem a gratitude. Sabem por experiência que pouco ou nenhum poder tem sobre o que possa desabar sobre suas vidas. Há muito pecado nos pobres, mas sem dúvida impressiona muito mais, a quem sabe contemplá-la, a enorme santidade do povo de Deus.

A nossa mentalidade não muda fazendo cursos, e sim mudando as experiências básicas: morar, comer, beber, locomover-se, optar por ficar do lado dos pobres. Não basta apoiar o movimento popular à distância com uma simpatia sem riscos: nada substitui a acção directa, por menor que seja. É o caminho de tornar-se contemplativo na acção, sem o belo jogo das espiritualizações.

Surgiu assim uma federação de comunidades na Ceilândia, a paróquia da Ressurreição, com um rosto próprio, rosto empoeirado, o rosto talvez do padre Ângelo.

Em 1982 ele partiu de lá; os anos começavam a pesar, e ele mudou-se para um lugar menor; em 1991 ele voltou para a Holanda onde foi morto por um viciado em drogas que havia penetrado na

“Era uma comunidade que evangelizava sem palavras”

“Ângelo mostrava que o nosso baptismo acontecia quando pacientemente mergulhássemos na vida dos pobres.”

casa espiritana onde o Ângelo morava. Isto aconteceu em Fevereiro de 1996.

Voltamos no tempo e olhamos para aquele período de graça que parece hoje tão distante. Na Ceilândia, somente os mais velhos ainda se lembram do padre Ângelo e do jeito de ser e de trabalhar dos espiritanos. Os sonhos de libertação evaporaram-se. A Igreja dobrou-se sobre si mesma diante da avalanche pentecostal e do avanço da sociedade chamada secularizada. Um novo clero, maioritariamente brasileiro, não sabe mais nada da igreja de Medellín e Puebla. Os religiosos, e principalmente as religiosas inseridas não se multiplicaram porque a formação de novos religiosos não tem sido feita com os inseridos, a partir da experiência deles. Os institutos religiosos adoptaram o discurso libertador, mas não a prática. Os pobres estão mais passivos e mais desorganizados do que nunca. A Igreja está sendo tentada a seguir o caminho mais fácil de oferecer a diversão carismática a fim de poder competir com os pentecostais. A Ceilândia é um caldeirão religioso com centenas de igrejas e terreiros.

Numa expansão da Ceilândia há ainda uma comunidade de três espiritanos: um alemão, um brasileiro e um holandês. Eles continuam a presença espiritana que, 35 anos antes, começou quando o padre Ângelo resolveu mudar-se para o meio dos pobres.

A comunidade não sabe se poderá continua lá.